

## FUTEBOL E COLONIALISMO NO TERRITÓRIO INDIANO

Karine Dalsin<sup>1</sup>

Dublin City University

Dublin, Irlanda

karine.dalsin@dcu.ie

Recebido em 28 de abril de 2010

Aprovado em 10 de junho de 2010

### **Resumo**

A produção da cultura desportiva ao longo dos anos e as transformações políticas, econômicas e sociais levaram o críquete a ser eleito como o esporte número um da Índia e o futebol como número um do estado de Goa. O presente artigo busca através de uma análise dos processos coloniais no território indiano, com ênfase nos dois estados de maior visibilidade futebolística, West Bengal e Goa, discutir os aspectos que circundam a implantação de modelos de civilidade. As histórias da inserção do futebol remetem as atitudes do Império Britânico e do Português em suas ex-colônias e o olhar destes sobre as potencialidades do esporte como ferramenta de dominação ou manutenção dos territórios.

**Palavras-chave:** Índia; futebol; colonialismo.

### **Abstract**

#### **Football and Colonialism in the Indian Territory**

Over the years and amidst major social, political and economic transformations, the development of sports culture in India has led to the prominence of cricket as the number one sport in the country and football as the number one sport in the state of Goa. The present article focuses on the colonial process in the Indian Territory looking at two of the main stages of football, the states of Goa and West Bengal, to discuss the aspects correlated to the civilization model adopted by the Empires. Through the stories of the introduction of football in the area, the British and Portuguese imperialistic attitudes can be discussed, considering their objectives of domination or maintenance of their colonial rules.

**Keywords:** India; Football; Colonialism.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestre em Desporto para Crianças e Jovens na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Atualmente reside em Dublin (Irlanda).

O presente texto tem como ponto de partida a pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e à Goan Football Association que deu origem a dissertação “Dimensões do Futebol Goês”. A coleta de dados foi amparada por uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema e por nove meses de trabalho de campo, composto por observações participantes, diários de campo, registros fotográficos e entrevistas semi-estruturadas no estado indiano de Goa.

O artigo traça um panorama sócio-cultural do futebol indiano tendo por base as heranças coloniais, os discursos que permeiam a história da modalidade e a formação da identidade nacional. O texto foi estruturado de forma a apresentar e descrever dois dos principais cenários, West Bengal, ex-sede da Índia Inglesa, e Goa, ex-sede da Índia Portuguesa, e visa introduzir aspectos para uma compreensão das convergências e das dissonâncias entre a posição ocupada pelo futebol em ambas sociedades.

### **Para uma gênese do futebol indiano**

O futebol indiano atualmente não encontra-se em uma proeminente posição no ranking mundial da FIFA, a sua última aparição mundial foi em 1960, nos Jogos Olímpicos de Roma. Todavia, a invisibilidade não pode ser tomada como negligência ou falta de simpatia popular para com a modalidade. Ao nível doméstico, embora possua carências organizacionais, o jogo é praticado e apreciado pela população. Na Índia do século XXI, o futebol vive um momento de entusiasmo na busca de maior visibilidade e de (re)conquista de prestígio nacional.

Neste processo, ao mesmo tempo em que se nutrem discursos saudosistas a venerar o futebol de “antigamente”, também surgem, em conversas informais, afirmações e especulações de origem biologicista, a formar a banda sonora de um filme

de ficção científica: “O tipo físico indiano não é adequado ao futebol”; ou “O clima é muito quente, logo não há como aprimorar a performance”; ou ainda “Os indianos não têm habilidade natural para o futebol”. O rol das naturalizações ilustra uma angústia por explicações para o insucesso internacional, mas também nos reporta a história de introdução do esporte no país e ao fato de o futebol não ter sido escolhido como o desporto nacional. As sociedades e seus hábitos não são dados ao acaso, são um produto de um processo histórico e cultural baseado em escolhas.

Goa e West Bengal são os estados de maior tradição no cenário do futebol indiano; Goa, por associação à sua identidade indo-portuguesa como parte de um processo de produção de diferença, e West Bengal, por ter sido sede dos primeiros clubes da Índia e concomitantemente parte de um projeto imperial de civilidade. Calcutá<sup>2</sup>, capital e sede do governo britânico, é onde surgiu o primeiro clube de futebol indiano na década de 1880, com o nome de Mohun Bagan. Em tradução literal, Mohun quer dizer doce e Bagan, grupo. Segundo estudo de Kapadia (2001), o

Mohun Bagan não foi apenas um clube mas sim uma instituição em Bengal. Foi formado para desenvolver caráter competitivo e espírito de luta entre os jovens de Bengal (na Índia não dividida) através do futebol e outros jogos de recreação (p. 17).

Jogar no clube, apoiado e subsidiado pela aristocracia do estado, era sinônimo de prestígio social. Os jogadores não recebiam salários, apenas lhes era dado o montante de suas despesas e o material para jogar. O objetivo era formar atletas fortes e com princípios morais. Mills (2001, p. 212) em visita aos estudos de Tony Mason ressalta serem as escolas estabelecidas pelos britânicos importantes centros para o ensino do futebol para a elite indiana.

---

<sup>2</sup> Calcutá com seus 15 milhões de habitantes é a capital do estado de West Bengal, foi assim chamada até o ano de 2000 quando reassumiu seu nome indígena Kokalta. A cidade no período pós-independência teve grande parte de seu território integrada a Bangladesh.

Para Manjumdar (2004) “A Escola Pública Indiana foi criada a partir de uma miscelânea de motivos de origem Vitoriana – orçamento imperial, auto-confiança etnocêntrica e bem intencionada benevolência” (p. 384). Mills (2002b), ao estudar trajetórias de missionários cristãos no norte da Índia, coloca a inserção do futebol no contexto social com o objetivo de “desenvolver corpos fortes e saudáveis de forma a enfatizar características importantes aos cristãos Vitorianos e colonizadores, tais como a disciplina, a obediência á autoridade e o trabalho em equipe” (p. 11).

A intensa atividade missionária dos séculos 18 e 19 resultou na criação de inúmeras organizações voltadas a conversão dos grupos considerados pagãos, as colônias britânicas eram o destino de românticas investidas no sentido de promover ideias de civilidade e cristianismo. Mangan (2001) em sua pesquisa sobre as memórias e relatos de missionários ingleses na Índia trouxe dados sobre suas compreensões acerca da cultura indiana, seus objetivos e as dificuldades em atingi-los. O autor cita casos como o do missionário Cecil Earle Tyndale-Biscoe que teve sua tentativa de ensinar futebol aos seus alunos, em Kashmir, completamente frustrada pelo fato da bola ser feita de couro de vaca, além dos meninos mostrarem-se completamente desinteressados pelo jogo em si. Por fim, determinado a ensinar o desporto, Tyndale-Biscoe acabou por atingir seus objetivos coagindo seus a alunos a jogarem por meio de punições físicas.

Inúmeras são as histórias da inserção do jogo no território indiano, as repercussões de tal processo variam ao longo do território. No caso do Estado de West Bengal, Manjumdar e Bandyopadhyay (2005, p. 135) afirmam ter o futebol sido apropriado pela população como um meio dos jovens reafirmarem “sua auto-estima e sua masculinidade” e de contestação perante ao Império. A modalidade teria sido o principal meio não político de protesto, segundo os autores, o hábito de jogar descalço

teria sido uma escolha e não uma casualidade, um dos desdobramentos da indigenização.

No final do século XIX e início do XX o futebol tornou-se um campo de disputa entre Indianos e Britânicos. Em 1911, foi o Clube Mohun Bagan quem desafiou o conceito de superioridade racial em uma vitória sobre o East Yorkshire Regiment britânico, na final da IFA (Indian Football Association) Shield, o que repercutiu fortemente nos discursos nacionalistas emergentes em Calcutá. Segundo Kapadia (2001) “O triunfo na IFA Shield tomou significância política como inspiração para os oprimidos através da sua vitória simbólica sobre os opressores” (p. 18).

O estado de West Bengal teve centralidade na história do futebol na Índia. Originalmente, a gerência da modalidade cabia a IFA, fundada em 1893 pelos ingleses, em Calcutá. Atualmente, a instituição que gerencia a modalidade é a AIFF (All India Football Federation), fundada em 1937, com o objetivo de alcançar a representatividade nacional que a IFA não conseguiu por ter um foco demasiadamente local.

Os discursos que permearam a fase de transição do poder entre estas duas instituições não foram nada consensuais. Segundo pesquisa histórica realizada por Majumdar (2002), West Bengal assumia a liderança inquestionavelmente até os anos 1920; nos anos 1930, uma instituição paralela é criada por estados do oeste e norte do país, denominada All India Football Association (1935), fato que gera uma disputa pelo controle do jogo. Porém, sob o reconhecimento da British Football Association, a AIF obtém o estatuto de entidade principal de gerência do futebol indiano. O conflito e o sentimento de insatisfação perdurou e culminou em 1937, com a formação da AIFF, rompendo os laços de proximidade entre o Império Britânico e a modalidade.

Dez anos depois deu-se a independência da Índia: 1947 marca o início de um novo período. Livre do domínio britânico e sob a bandeira da diversidade, a nação caminhou ao encontro de si mesma, de sua identidade pós-colonial e da sua afirmação diante do cenário mundial. O futebol neste período fazia-se presente em importantes competições internacionais, como nos Jogos Olímpicos, nas Copas do Mundo<sup>3</sup> e nos Jogos Asiáticos. Porém, ao mesmo tempo era vítima de seus elementos de expressão de localidade, exemplificados aqui nos hábitos de jogar de pés descalços e na realização de partidas, ao nível doméstico, de apenas 70 minutos<sup>4</sup>. As condições comprometiam o desempenho das seleções.

Segundo Dimeo (2002c, p. 74), nos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956, a Índia chegou ao quarto lugar, fato que criou surpresa e ao mesmo tempo esperanças de um futuro promissor. Ainda venceu em 1951 e 1962 os Campeonatos Asiáticos de Futebol, antes de entrar em declínio na década de 1960, o que se refletiu na obtenção do terceiro lugar em 1970, no mesmo campeonato, como o prenúncio da retração do seu futebol a nível internacional. Por outro lado, internamente, a modalidade continuava com força, era disputada entusiasticamente com base nas rivalidades regionais e locais. As principais e mais antigas competições do futebol indiano realizadas até os dias de hoje são a Shield em Calcutá, fundada em 1893 e a Durand Cup, fundada em Simla em 1888 e transferida para Delhi em 1940.

No artigo intitulado *Football, Culture and Society in India*, Dimeo (2002b) reflete sobre a posição do futebol na sociedade indiana e coloca questões acerca do constante silêncio da academia indiana sobre o futebol como parte da história do desporto e da história pós-colonial.

---

<sup>3</sup> Cabe citar o convite a disputar a Copa do Mundo de Futebol no Brasil em 1950, tendo este sido recusado e não suficientemente especificado.

<sup>4</sup> Para ler mais consultar Kapadia (2001) e Dimeo (2001).

Parece que o esporte não foi considerado merecedor de espaço entre os temas que têm sido enfatizados pelos historiadores e sociólogos do período pós-colonial, quase como se os torcedores e jogadores não fossem representantes da verdadeira Índia. No entanto, as ideologias subjacentes a teoria pós-colonial da historiografia indiana deveriam dar abertura ao futebol uma vez que ele é tradicionalmente associado a grupos que têm sido marginalizados por razões de classe, regionalismo, ou religião (classe trabalhadora, bengalis, Punjabis, Goans, Muslims) (DIMEO, 2002b, p. 6).

O mesmo autor, em pesquisa sobre os primórdios do jogo em Punjab e West Bengal, afirma que os corpos dos colonizados eram avaliados e para melhor dizer, subavaliados em relação aos padrões europeus, portanto a medida a ser tomada era submetê-los a exercícios e a disciplina física (DIMEO, 2002a, p. 72). Cabe ressaltar que estas ideias não ecoavam disparatamente, mas eram parte do paradigma que garantia a inferioridade das “outras raças” e moralmente justificava a condição de colônia como um gesto benevolente.

Colonizada por ingleses, a Índia obteve sua independência através de um grande movimento nacionalista liderado por Mahatma Gandhi, mas traços como o uso da língua inglesa, ao lado do hindi, continuam irremediavelmente ligados à cultura local. Nos desportos, o críquete, o futebol e o hóquei figuraram entre os principais, promovidos em escolas, companhias ferroviárias e instituições militares, sendo praticados em larga escala até os dias de hoje.

No que tange a relação do críquete, desporto número 1 da Índia, com o futebol, desporto alvo desta pesquisa, encontram-se diálogos de grande relevância para aprofundar a discussão sobre os fatores que podem influenciar a eleição de determinadas práticas desportivas como parte integrante da identidade nacional.

Introduzidos na segunda metade do século 19 por regimentos ingleses e missionários, ambas modalidades são contemporâneas e cúmplices de um ideal

civilizador através da exercitação do corpo e do desenvolvimento de um perfil psicológico e emocional considerado adequado à sociedade indiana.

Um século depois, o críquete é considerado o desporto nacional, com grande projeção internacional; já o futebol tem sua prática restrita a algumas regiões e, sob forte pressão de entidades como a FIFA e a AFC, busca adotar medidas para seu desenvolvimento e profissionalização.

Sen (2002, p. 28) sugere que este descompasso tenha começado nos anos 1970 e se consolidado na década de 1990. Enquanto o futebol não oferecia triunfos ou significativas posições no ranking internacional, o críquete em 1971 derrotou a nação colonizadora, a Inglaterra, e consagrou ídolos: “No contexto do esporte moderno, um ‘ícone internacional’ é um herói da comunidade nacional, e esta pode reclamá-lo como seu pertence ao mesmo tempo que sente-se satisfeita pela sua habilidade de confrontar outras nações.” (SEN, 2002 p. 31). Na esteira dos fatos, em 1982, houve uma grande e repentina expansão da televisão a cabo no país e uma audiência sem precedentes por ocasião dos Asian Games, em Delhi, e da Copa do Mundo de Futebol. O autor afirma ter sido esta a primeira exposição do público indiano aos padrões do futebol europeu e sul-americano, o que gerou forte sentimento de desilusão quanto à qualidade do jogo doméstico, a que se seguiu a vitória do críquete na Copa do Mundo em 1983.

Na década de 1980, e principalmente na de 1990, o críquete ganhou evidência, tornando-se um símbolo de uma Índia competitiva e forte. Símbolo que auxiliaria a formar uma estrutura de sentimentos favorável à afirmação da identidade nacional. Em contrapartida, o futebol, embora muito apreciado por grande parcela da população, continuava à margem de eventos internacionais.

Para Majumdar e Bandyopadhyay (2005), “A transmissão televisiva do esporte para as massas indianas tornou-se um estímulo para desejos e fantasias” (p. 258). Logo, a paixão pelo jogo de críquete tomou o trono por identificação com um projeto de nação, e ao futebol coube o sofá da sala “Muitos indianos perceberam a baixa qualidade do futebol nacional principalmente desde de que a televisão a cabo tornou possível assistir com regularidade o futebol europeu” (DIMEO, 2002c, p. 76).

Desde 1986, o Mundial de Futebol é um dos eventos desportivos mais assistidos no país. Poucas competições obtêm tamanha projeção nos meios de comunicação de massa. Da mesma forma, a Liga Inglesa também assumiu posição privilegiada no ranking das preferências. O gosto pelos desportos permeia a sociedade indiana e simboliza não só o encontro com o mundo, mas também o (re)encontro com o colonizador, com um toque de simpatia por sua performance em campo e por suas filiações identitárias.

O futebol doméstico, perante os processos de globalização, passou por um período de enfraquecimento. Se a televisão a cabo produziu adeptos do jogo espetacularizado, o mesmo não se pode dizer em relação a Liga Nacional Indiana. Como resultado constatou-se que aqueles que acompanham equipes e competições internacionais não necessariamente dedicam atenção aos clubes locais. Mesmo em estados como Goa, é comum ouvir considerações acerca do futebol europeu, ornamentadas por nomes de jogadores e detalhes de suas vidas privadas. Por vezes quando questionados sobre a Liga Nacional, dizem não ter grande interesse, sob a justificativa da diferença na qualidade do jogo.

A experiência da modernidade e da interconexão mundial situam o jogo como um compartilhar de sentimentos cosmopolitas. Segundo Appadurai (2004):

Os meios electrónicos dão um novo giro ao ambiente social e cultural dentro do qual o moderno e o global muitas vezes se apresentam como os dois lados de uma mesma moeda. Embora sempre carregados de um sentido da distância que separa o espectador do evento, estes meios de comunicação, de todos modos, ocasionam a transformação do discurso quotidiano (p. 6).

Na actualidade, a mais jovem competição e de maior visibilidade é a Liga Nacional que, para além de uma competição, parece simbolizar um desejo de modernização do futebol indiano propulsionado pelo encontro com um projeto de globalização do jogo. O nascimento da National Football League (NFL), em 1996-97, deu-se sob a influência da visita de membros da FIFA, em 1995, com objetivo de investigar e sugerir medidas para o fortalecimento da modalidade, em fase caracterizada por um declínio do futebol indiano. Dentre as sugestões a principal foi a criação de uma liga semi-profissional.

Assim nasceu a NFL, iniciou-se a transmissão de jogos locais via televisão e no ano seguinte, 1998, apareceu a segunda divisão do futebol indiano. Inaugurou-se uma fase, enfrentando novos desafios e a necessidade de superação de velhas pendências envolvendo a reestruturação das instituições, a profissionalização de jogadores e a administração dos clubes.

### **A experiência da Índia Portuguesa**

O estado indiano de Goa foi uma proeminente colônia de Portugal, os 450 anos de presença portuguesa no território (1510-1961) acrescentam uma experiência única, seja pela mescla de arquiteturas, por um farto número de igrejas e casas indo-portuguesas, ou traços da cultura local, como o modo de vestir, a culinária e a adoração ao futebol.

Atualmente os goeses se referem à modalidade como uma herança lusa. Para contextualizar esta afirmativa deve-se compreender que os sentimentos a ela atribuídos fazem parte de um processo de negociação entre as estruturas sociais e o poder vigente. Ao contrário do império inglês que utilizava o desporto como parte do projeto de imperialismo cultural, na Índia portuguesa o futebol foi introduzido basicamente ao acaso, pela ação de um padre afeiçoado ao jogo da bola. Os ideais que circundavam a prática pouco diferiam dos significados utilizados pela Coroa Inglesa, porém a apropriação realizada pela comunidade goesa estabeleceu uma relação diferenciada.

A história ou as histórias do futebol goês podem ser contadas de diversas formas e variam de acordo com o narrador, seus objetivos e a sua posição na sociedade. Frequentemente o jogo é ainda associado à comunidade católica - a sala de atendimento ao público da Goa Football Association é ornamentada por um quadro no qual estão ilustrados os bustos de Santa Maria e Jesus Cristo. Parece haver um interesse por parte da maioria dos dirigentes em associar as raízes do futebol à identidade luso-católica.

As origens do futebol em Goa datam do início da década de 1880<sup>5</sup>, quando o padre inglês William Robert Lyons estabeleceu-se em Siolim, aldeia ao noroeste do estado, Taluka<sup>6</sup> de Bardez, fundando a St. Joseph's School e integrando o futebol ao conteúdo disciplinar. Segundo Leitão et al. (2000), quando a escola foi transferida para Arpora, o padre Lyons tornou-se o director “e o futebol ocupou um posto proeminente no currículo” (p. 2).

Anos depois, o exemplo foi seguido por António Francisco de Souza, oriundo de Siolim, na escola privada inglesa onde leccionava em Assolna, ao sul de Goa, Taluka de

---

<sup>5</sup> O ano exato difere em relação a fonte de consulta, Leitão et al. (2000, p. 2) afirma ser 1883, enquanto Afonso (1993, p. 213) afirma ter sido em 1881.

<sup>6</sup> O estado de Goa é dividido em onze Talukas, expressão equivalente a distritos administrativos.

Salcete. No mesmo período o futebol também foi integrado ao currículo do Seminário Rachol, posto central de formação dos padres locais.

Os seminaristas ao serem ordenados padres assumiam postos nas aldeias e levavam consigo a modalidade, assim, a popularização deu-se nas áreas rurais, transcendendo um recorte inicial restrito à elite católica com acesso a educação. É possível ver as heranças deste período na concepção dos espaços de socialização de muitas aldeias: próximo da igreja está o campo de futebol.

Azevedo (1994, p. 80) afirma que antes da virada do século, a modalidade era jogada nas aldeias de Siolim, Assolna, Velim e Cuncolim. Nos anos 1901 à 1910 a Goa Football Association registra a prática do desporto nas áreas de Panjim, Taleigão, Saligão, Assagão, Candolim, Calangute, Mapusa, Assolna, Margão, Vasco da Gama e Colva. Nas décadas de 1910 e 1920, tomou força pela realização de competições e jogos amigáveis de caráter local e interestadual.

O futebol chegou às aldeias através dos novos padres e aliou-se às *gãocarias*, organizações baseadas em famílias católicas ou hindus que assumiam liderança na administração do quotidiano local. Na definição das autoras Portas e Gonçalves (2001) *gãocar* é um membro privilegiado da *gãocaria*:

Organização comunitária da aldeia gerida por um conselho de representantes das famílias descendentes dos fundadores da aldeia (*gãocares*), proprietária de um conjunto de terras afectas e responsável pelo pagamento de tributo colectivo ao fisco, manutenção do culto, obras e caridade, reconhecidas a partir de 1526 por foral de D. João III (p. 256).

Mills (2002b) cita o sistema de *gãocaria* como condição ideal para a introdução do futebol “Em outras palavras, as aldeias já possuíam organizações com experiência na mobilização da população para questões da comunidade, elas também se ocupavam da educação e da saúde e estavam intimamente ligadas com os sacerdotes locais” (p. 16).

No início do século XX as competições eram jogadas entre equipes de escolas e associações das aldeias. Os católicos mantinham elos com o futebol através da formação de seus líderes. Os hindus aprendiam a modalidade nas escolas inglesas situadas em Goa e organizavam suas equipes como parte da celebração da sua identidade religiosa.

Em 1910, com a instauração da República em Portugal foi dado fim a 400 anos de subjugação religiosa. Para os hindus significou o início de novos tempos.

As duas comunidades reagiram de forma diferente para saudar a democracia e a liberdade concedida pela república. Uma comunidade (hindus) fez pleno uso das oportunidades disponíveis, abrindo escolas, bibliotecas e etc enquanto a outra comunidade manteve-se completamente passiva (ANGLE, 1994, p. 94).

A igreja católica do período era tida como uma instituição local, seus padres eram goeses e o estatuto contra a prática de rituais hindus no território português havia sido rescindido. "... A Igreja não necessitava mais contradizer outras crenças" (MILLS, 2002b, p. 15). O jogo penetrou com facilidade tornando-se uma atividade de socialização na comunidade e entre comunidades. O futebol era um símbolo de confraternização entre estruturas sociais existentes.

Em 1939 a Associação da Futebol da Índia Portuguesa (AFIP) foi fundada com intuito de organizar o jogo. A entidade durante seus dez anos de existência criou seleções e competições, dissolvendo-se em 1949.

As razões são desconhecidas embora possamos supor que sejam elas: a tradicional apatia goesa, a falta de fundos e a perda de interesse por parte dos componentes do jogo, ou até, o abatimento causado pela incapacidade de obter a inscrição junto a Federação Portuguesa de Futebol (LEITAO et al., 2000, p. 5).

Subsequente à saída de campo da AFIP inicia-se uma década de mudanças para sociedade de Goa. A cultura do futebol encontrou na década de 1950 um forte aliado na

figura do ditador Oliveira Salazar. Nos anos que precederam a anexação à Índia<sup>7</sup>, “ O futebol provou ser um importante meio para promover uma associação cultural e salientar a eficácia da administração portuguesa” (MILLS, 2002b, p. 20).

O livro comemorativo aos 40 anos da GFA refere que no período houve a criação da Liga de Goa. A competição foi organizada pelo recém instituído Conselho de Desportos da Índia Portuguesa (CDIP). Houve incremento na infra-estrutura, o uso de chuteiras tornou-se obrigatório (prática até então não instituída na Índia), o sistema de registro de jogadores foi introduzido, as equipes foram divididas em zonas com respectivos administradores e foram instituídas a 1ª e 2ª divisão do jogo goês (LEITAO et al., 2000, p. 5).

O ano de 1959 consagrou uma atmosfera de entusiasmo que resultou na separação da organização do futebol dos outros desportos geridos pelo CDIP. A popularidade e abrangência deram argumentos para reivindicar a criação de um corpo autónomo. Assim, surgiu a Associação de Futebol de Goa, hoje chamada Goa Football Association (GFA).

Em tempos de tensões políticas geradas pela constante ameaça da República Indiana sobre o território português, os governantes de Portugal dedicaram especial atenção ao futebol. Excursões por outras colônias portuguesas foram organizadas, assim como recepções a clubes estrangeiros. Um exemplo foi a visita do clube paquistanês Port Trust Club of Karachi em 1959; a escolha não se deu ao acaso, uma vez que Paquistão e Índia mantinham uma relação conflituosa. Outro importante evento, e talvez o maior da história da modalidade em Goa, foi a visita do Sport Lisboa e Benfica para

---

<sup>7</sup> A anexação de Goa a Índia pode ser mencionada pela literatura ou pelos interlocutores como invasão ou revolução, a diferença reside na filiação identitária do autor, em geral foi observado que a comunidade católica faz mais uso do termo invasão, enquanto a comunidade hindu tem preferência pelo termo revolução.

realização de dois jogos amistosos em 1960. Ressalta-se, que nestas oportunidades circularam pessoas importantes da política com intuito de fortalecer os laços entre Goa e Portugal.

A anexação do território goês ao indiano deu-se em 1961, ao mesmo tempo em que o clube Salgaocar era considerado a principal equipe de Goa. Mais uma vez a história do desporto entra em cena no panorama político. A equipe foi convidada em 1962 para representar o novo estado perante a sua nova nação. A estréia oficial do futebol goês nos gramados indianos deu-se na Durand Cup, em Delhi. “O Primeiro-ministro, Jawaharlal Nehru organizou uma recepção, em sua residência oficial, para a equipe do Salgaocar” (LEITAO et al., 2000, p. 7). O gesto de simpatia por parte do Primeiro-ministro deu-se em um tempo onde as tropas indianas ainda estavam ocupando Goa com intuito de garantir a integração ao território, enquanto criava-se um movimento social em Goa que requisitava ajuda as Nações Unidas para clamar independência.

O futebol manteve-se sempre em pauta nos discursos a respeito da situação política e econômica do território goês, foi pretensamente utilizado como símbolo do Império Português, mas também, posteriormente, da integração de Goa na Índia. O desenvolvimento econômico nos últimos anos de colônia e primeiros anos de anexação a Índia, reverteu-se em forte investimento na modalidade como sinônimo de identificação das grandes empresas com a comunidade local. Os personagens políticos estiveram e permanecem presentes nos gramados, através de financiamento aos torneios entre aldeias, na formação de equipes, ou ainda atuando na direção da instituição gestora da modalidade.

A identificação dos sujeitos locais com o futebol fez deste um campo de interesses variados; a sua popularidade atraiu investimentos, incrementou as infra-estruturas, fortaleceu a visibilidade e desencadeou uma crescente modernização na administração do jogo.

### **Considerações finais**

As origens dos esportes modernos na Índia, Paquistão, Continente Africano e nas Ilhas do Caribe estão fortemente correlacionadas com o Império Britânico, porém o modo como cada local experienciou e desenvolveu as práticas não é uniforme. Ao longo do texto foram expostas diferentes histórias que visam demonstrar o quanto são plurais as significações do futebol no território Indiano e o quanto torna-se inviável buscar explicações generalizantes para compreender o seu contexto atual.

A constante ao longo do país é uma unidade desprovida de uniformidade, perceptível nas inúmeras ideologias existentes ao longo das diversas comunidades e no desigual contato delas com o mundo global e a modernização. Estas diferenças parecem estar fortemente relacionadas com a história cultural, os processos colonizadores e com as atividades econômicas e políticas desenvolvidas regionalmente.

No que tange à proposta de realização de uma gênese, há que se ressaltar algumas convergências culturais na inserção da modalidade na Índia, a principal delas diz respeito ao encontro entre colonizador e colonizado, a qual originou uma cultura esportiva associada a ideais de civilidade e acabou por acarretar a naturalização de uma suposta inferioridade racial.

Os missionários ingleses colocaram o futebol como disciplina obrigatória nas escolas e por vezes até impuseram a prática. Jogar era sinônimo de uma conduta

civilizada e, quase que invariavelmente, significava submeter-se ao modelo de civilidade britânico. Por outro lado, em Goa o esporte popularizou-se através de um clero local cabe ressaltar que já em 1834, dos 300 membros do clero regular, 280 eram nativos de Goa (MILLS, 2002, p. 15). Em outras palavras na Índia Britânica o futebol era um elemento “estrangeiro” enquanto na Índia Portuguesa era tido como parte da cultura e do poder local.

O ideal de promover uma reforma social e formar servos do Império não fez parte da pauta durante os primórdios do futebol em Goa. A modalidade tomou forma de uma atividade de socialização e não de doutrinação, os goeses parecem de alguma forma usá-lo para enfatizar sua experiência colonial.

A introdução do futebol foi realizada pelas escolas inglesas em Goa predominantemente frequentadas por uma elite católica; posteriormente a prática foi popularizada pelo clero local nas aldeias. A importância da modalidade junto a construção da identidade goesa foi percebida e respaldada pelo projeto político do Império Português de manutenção do território. Como resultado, com a anexação de Goa à República Indiana em 1961, o futebol tornou-se depositário de um caráter de diferenciação e afirmação perante nação. Por outro lado, para o Império Britânico o uso do futebol pode ser visto como mais uma ferramenta de educação e dominação para reformar e moldar a sociedade local de acordo com seu projeto civilizatório.

### **Referências**

APPADURAI, A. La Aldea Global. Fírgoa Universidade Pública – *Espazo Comunitario*, p. 1-16, 2004. Disponível Em: <<http://firgoa.usc.es /drupal/node/17381>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

AFONSO, J. C. The impact of english on Goan society. In Shastry, B. S. (ed.) *Goan Society through the ages*. New Delhi: Asian University Publication Service, 1993.

ANGLE, P.S. *Goa: Concepts and Misconcepts*. Bombay: Akshar Pratiroop, 1994.

AZEVEDO, C. C. *Goa, Damão e Diu: Factos, Comunidade e Lazer nos meados do século XX*. Macau: Edição do Autor, 1994.

DALSIN, K. *Dimensões do Futebol Goês*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto: 2008.

DIMEO, P.. Contemporary development in Indian Football. *Contemporary South Asia*, v. 10, n. 2, p. 251-264, 2001. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2007.

\_\_\_\_\_. Colonial Bodies, Colonial Sport: 'Martial' Punjabis, 'Effeminate' Bengalis and the development of Indian Football. *International Journal of the History of Sport*, v. 19, n. 1, p. 72-90, 2002a. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2007.

\_\_\_\_\_. Football, Culture and Society in India. *Football Studies*, v. 5, n. 2, p. 4-9, 2002b. Disponível em: Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/FootballStudies>> Acesso em: 12 dez. 2007.

\_\_\_\_\_. The Local, National and Global in Indian Football: Issues of Power and Identity. *Football Studies*, v. 5, n. 2, p. 74-86, 2002c. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Football>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

KAPADIA, N. Triumphs and Disasters: The story of Indian Football 1889 -2000. *Soccer & Society*, v. 2, n. 2, p. 17-40, 2001. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2007.

MANGAN, J.A. Soccer as Moral Training: Missionary Intentions and Imperial Legacies. In P. Dimeo and J. Mills (Eds.) *Soccer and Society*, v. 2, n. 2, p. 41-56, 2001. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2009.

LEITAO, N. L. Ribeiro, F. X., MERGULHAO, A. M., KARRA, V. P. *The Grass is Green in Goa: 40 years yields a lot of goals*. Goa: Goa Footbal Association, 2000.

MAJUMDAR, B. The politics of soccer in colonial India, 1930-37: The Years of Turmoil. *Soccer & Society*, v. 3, n. 1, p. 22-36, 2002. disponível em Scopus. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2007.

\_\_\_\_\_. Imperial Tool 'For' Nationalist Resistance: The 'Games Ethic' in Indian History. *The International Journal of the History of Sports*, v. 21, n. 3/4, p. 384-401, 2004. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2009.

MANJUMDAR, B. and BANDYOPADHYAY, K. From Recreation to Competition: Early History of Indian Football. *Soccer and Society*, v. 6, n. 2/3, p. 124-141, 2005. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 ago. 2009.

MILLS, J. A historiography of South Asian sport. *Contemporary South Asia*, v. 10, n. 2, p. 207-221, 2001. Disponível em: Scopus. Acesso em: 20 set. 2009.

\_\_\_\_\_ Colonialism, Christians and Sport: the Catholic Church and Football in Goa 1883-1951. *Football Studies*, v. 5, n. 2, p. 10-26, 2002. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/FootballStudies>> Acesso em: 12 dez. 2007.

PORTAS, C. e GONÇALVES, I. *Goa: História de um Encontro*. Coimbra: Almedina, 2001.

SEN, S. How Gavaskar killed Indian Football. *Football Studies*. v. 5, n. 2, p. 27-37, 2002. Disponível em: [http://www.la84foundation.org/Sports Library/Football Studies](http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/FootballStudies) cesso em: 10 jan. 2008.